

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

27 a 29 de maio de 2009

Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

## A CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA DESENVOLVIDA NOS TEMPLOS DA RELIGIOSIDADE DE MATRIZ AFRICANA PARA UM TERRITÓRIO SUSTENTÁVEL NAS CIDADES

Sandro dos S. Correia<sup>1</sup>

**Resumo.** Este trabalho objetiva refletir a contribuição da cultura desenvolvida nos templos da religiosidade de matriz africana que possam contribuir para a construção de um território sustentável nas cidades. Os resultados consubstanciaram recomendações de uso dos espaços em um templo da religiosidade de matriz africana e o uso das plantas medicinais e ritualísticas e como estas práticas ordenam um sistema de preservação e conservação de áreas verdes (remanescente de mata atlântica, mananciais hídricos e outros). Criando assim uma cultura de preservação no interior destes templos religiosos.

**Palavras chave:** Cultura de matriz africana, Religiosidade, Território, Sustentabilidade, Cidades.

A Globalização impôs ao planeta uma rigidez e velocidade incalculáveis no processo de produção das mercadorias, impulsionada pela lógica do lucro; as multinacionais investiram em tecnologia, transformando todas as relações antigas em novas através do clique do computador. O modelo de urbanização foi totalmente calcado nos valores da sociedade européia, renovado pela sociedade moderna e industrial através do modo de vida estadunidense. A colonização Anglo-saxônica gabaritou os EUA, como o maior representante do capital no planeta (SANTOS, 1996)

Todas as ações captaneadas pelo capitalismo produziram grandes impactos ambientais como: a poluição de rios, a chuva ácida provocada por emissão de gases poluentes em vários países, a depleção da camada de ozônio, o efeito estufa e outros (BARBIERI, 1997).

A realização da Conferência de Estocolmo (Suécia) em 1972 foi importante pelo fato de ter iniciado oficialmente uma discussão acerca do modelo de desenvolvimento para a vida no planeta. Foi com a Conferência de Estocolmo que foi iniciada uma série de avanços, se considerarmos as discussões, debates, intervenções, como avanços

---

<sup>1</sup> Professor da UNEB (Campus V – Colegiado de Geografia); Consultor Científico da Especialização em Metodologia dos Estudos Africanos e Afro-Brasileiros das Faculdades Integradas Olga Mettig; Geógrafo; Mestre em Engenharia Ambiental Urbana pelo MEAU – UFBA.

significativos, já que a humanidade vive crises de comunicação, se considerarmos as guerras, como esta impossibilidade de comunicação. (BARBIERI, 1997).

Estes avanços contribuíram o conceito de cultura e de desenvolvimento sustentável, esta expressão acrescentou outras necessidades humanas, não somente as questões econômicas e sociais, mas, também as questões culturais e ambientais.

Para a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), conhecida como Comissão Brundtland, desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades (CMMAD; 1988 – p. 46). (BARBIERI, 1997, p. 23)

Os esforços para a construção de um desenvolvimento sustentável foram sendo processados pela sociedade, só que a inclusão das idéias dos demais grupos constituintes do território não foi realizada, priorizando as idéias de desenvolvimento formatadas pelo continente europeu.

A continuidade da luta com relação ao fortalecimento da concepção do desenvolvimento sustentável se dá com a Eco – 92 como um grande marco, nascendo assim uma agenda comum para a preparação do ambiente do desenvolvimento sustentável, a Agenda 21.

A história dos africanos e seus descendentes sempre foi marcada pela incapacidade intelectual, associando-os a animais, estando sempre inaptos ao desenvolvimento de qualquer atividade que representasse alguma relação de desenvolvimento.

[...] Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo africano ganha um significado preciso: negro ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo (HERNANDEZ, 2005, p. 18)

Esta identificação aos africanos e descendentes de africanos marca a organização do mundo até os dias atuais. Principalmente, pelo fato de toda a organização social e política, como também tecnológica terem sido um produto de imposição imperialista da Europa. Desta maneira, nos remete a necessidade de um quebrar de barreiras com relação à organização do mundo e do seu meio ambiente, já que os valores civilizatórios

formatados no continente africano não são os mesmos organizados no continente europeu.

Uma das explicações desta postura nos é fornecida pelo aspecto da cultura, já que a sociedade humana foi organizada de acordo a um modelo cultural e a um conjunto de signos e símbolos pertencentes a uma cosmovisão. Naturalmente a condição de escravos, imediatamente, excluía os africanos e seus descendentes de qualquer contribuição oficial nos campos da ciência, do planejamento e de outra seara correspondente ao saber humano e com o meio ambiente não foi diferente.

Muitas são as formas de cultura que se manifestam no processo histórico-social, com seus símbolos, emblemas e alegorias, compreendendo o coletivo e o individual em seus múltiplos aspectos. [...] compreende-se a cultura por ser resultado da criatividade humana e, portanto uma prática social por meio da qual gestos, anseios e interesses de classes sociais exprimem sua maneira de perceber, existir, compreender ou inventar o mundo, revelando mediante essa prática formas sociais de vida. (POCHMANN et al. 2005, p. 87).

Toda a colonização na América e na África foi marcada pelo conjunto de símbolos e signos da cultura européia. Esta imposição não permitiu que a organização do mundo e do meio ambiente pudessem receber contribuições de outros grupos sociais, também instalados em determinado território. Marcando um comportamento excludente na organização do espaço do planeta que foram marcadas pela truculência e intolerância.

É preciso de fato incluir outras formas de conservação e preservação do meio ambiente e o poder das religiões é muito importante para uma mobilização maior da sociedade para a construção de um novo olhar sob o meio ambiente.

Instituições e líderes religiosos podem dar grandes contribuições ao esforço de criação de um mundo sustentável: a capacidade de formar cosmologias (visão de mundo), a autoridade moral, uma base ampla de seguidores, recursos materiais significativos e capacidade de desenvolvimento comunitário. As religiões têm experiências em embasar nossa visão das questões de importância absoluta. Sabem como espirar pessoas e como exercer autoridade moral. Muitas dispõem de força política associada a uma base ampla de seguidores.

A Religiosidade de Matriz Africana é parceira da Agenda 21 por desenvolver valores ambientais alinhados com o desenvolvimento sustentável através da construção

de uma relação de equilíbrio com a natureza através das suas práticas ritualísticas que sempre estão associadas a elementos da natureza.

Essas tradições religiosas vêm a cada dia perdendo representações pelo aumento da especulação imobiliária e, naturalmente com ela, o crescimento exacerbado das cidades, provocando um grande adensamento populacional em bairros populares. Esse crescimento dos centros urbanos tem causado a diminuição de uma das maiores representações sagradas desta religião as “áreas verdes”. Nas áreas verdes habitam as folhas sagradas e medicinais que curam as doenças do espírito e da carne. Esses templos além de contribuírem para a manutenção da saúde da cidade quando preservam “áreas verdes”, melhorando a qualidade do ar, valorizando a estética de matriz africana e o próprio fornecimento de remédios caseiros que o plantio dessas folhas proporciona à população de baixa renda, o acesso a algum tratamento de saúde. Neste contexto, este projeto pretende apresentar através de seus resultados a contribuição destes templos para uma cultura mais sustentável nas cidades.

Para isto a contribuição da lei 10.639/03 é de fundamental importância ao privilegiar o espaço da escola como fomentador de idéias, já que a formação da sociedade brasileira é pluriétnica através do convívio entre povos de origens étnicas diferentes.

A presença do vegetal, para o afro – brasileiro, está ligada á manutenção do axé. O axé representa a força que move e renova esse povo que tem toda sua religiosidade calcada nas substâncias extraídas das folhas (SANTOS, 1998).

Este comportamento ambiental foi importante porque para as religiões de matriz africana têm a natureza como elemento de comunicação com o sagrado (o ayiê e o orum). É através das folhas sagradas que nós nos comunicamos com as divindades africanas.

A existência de vários deuses (orixás), cada um representando um elemento constituidor do universo, nos dá a confirmação de um pensamento, de um pensamento calcado (operacionalizado) numa relação sistêmica, dando importância equivalente a todos os elementos da rede. Ou seja, todo o elemento é importante, nenhum é mais importante do que outro, os elementos se comunicam e interagem para alcançar um determinado objetivo.

É por isso que as religiões de matriz africana são exemplos natos de contraracionalidades (SANTOS,1996), porque frente ao bombardeamento (ditadura) econômico, social e cultural do Ocidente, fortalecendo um comportamento predador

sobre a natureza por que o modelo de desenvolvimento industrial e capitalista está levando o planeta a sofrer imensos impactos e desastres naturais que estão levando a um processo de mudanças climáticas vivido no planeta materializado através do aumento de temperaturas, inversões térmicas, chuvas ácidas, problemas de saúde e outros impactos ambientais negativos a qualidade de vida da população.

Podemos até dizer que a cultura desenvolvida nos templos da religiosidade afro-brasileira é grande defensora da manutenção do equilíbrio dinâmico, atuando como um centro vivo, uma Universidade Popular, uma Academia atendida para os reais movimentos e mudanças do território, realizando um exercício metodológico de educação ambiental calcada na prática cotidiana e na pluralidade cultural.

O candomblé é uma religião trazida para o Brasil por descendentes de africanos, possuindo elementos representativos das etnias formadoras do nosso território, calcado principalmente nas tradições iorubas. No continente africano a religião era conhecida como animismo e a sua estrutura espacial, no sentido do culto aos deuses, era muito diferente da atualmente encontrada nos templos brasileiros. A criação dos cultos afro – brasileiros está ligada ao processo de reorganização política, social e religiosa do povo africano no “novo mundo”. Com isso, foram adaptadas para a realidade brasileira estruturas já existentes na África em forma de grandes barracões, onde os orixás “visitam”, os humanos e são homenageados pelos sacerdotes e seguidores da religião (VERGER, 1992)

Os terreiros de candomblé possuem espaços divididos em “espaço do mato” e “espaço urbano”. Os lugares que compõem o barracão (“espaço urbano”) têm funções estabelecidas pelos próprios orixás. Nesta pesquisa, o principal enfoque é a relação dos adeptos com o “espaço do mato”. Neste espaço, os adeptos têm a orientação e a proteção do orixá Ossain. Este orixá é o protetor das folhas. Ele está presente nas matas e é o guardião dos segredos das plantas, só podendo ser “incomodado” com um pedido de licença, que pode ser um cântico entoado por um adepto interessado por uma espécie vegetal para cura de uma enfermidade ou para resolver um problema de ordem espiritual. As folhas que são recolhidas para resolver os problemas humanos devem estar sob pleno controle do orixá Ossain, não podendo haver nenhuma intervenção do homem para a recuperação ou readaptação das espécies vegetais, seja através de plantio, criação de jardins ou outros meios que fujam ao controle do orixá: ocorrendo isso, pode ser duvidosa a eficácia milagrosa da folha. (SANTOS, 1994).

Em um dos resultados da pesquisa “As conseqüências sócio – econômico – espaciais decorrentes da perda de áreas verdes dos templos da religiosidade afro – brasileira nos bairros do curuzu e plataforma”, com o apoio do CNPq, parte integrante do projeto espaço livre (CORREIA & SERPA, 2001). O trabalho analisou as principais conseqüências da perda de áreas verdes para os templos da religiosidade afro – brasileira nos dois bairros, bem como pontuou alternativas para um política de desenvolvimento urbano que respeite essas áreas sagradas, demonstrou que as plantas encontradas são utilizadas na cura de enfermidades da própria comunidade, em chás, efusões, aplicações diretas da planta no lugar do ferimento, através de uma atadura ou das famosas “garrafadas”. As folhas são compradas nas feiras de São Joaquim, do Japão, das sete portas e na horta da estrada da rainha (ladeira da Soledade). As áreas onde são encontradas podem se localizar em um município fora de Salvador, como é o caso de Cachoeira (Recôncavo baiano), ou mesmo em Salvador, em bairros mais distantes do centro como São Gonçalo do Retiro e Cajazeiras. O crescimento desenfreado da cidade vem provocando desaparecimento das áreas verdes no bairro do Curuzu. Para a comunidade dos terreiros uma das maneiras de obter essas ervas são as feiras livres e alguns lugares de preservação, como parques e APAS (áreas de proteção ambiental).

A presença do vegetal, para o afro – brasileiro, está ligada à manutenção do axé. O axé representa a força que move e renova esse povo que tem toda sua religiosidade calcada nas substâncias extraídas das folhas. O movimento dos adeptos à procura dessas plantas está ligado à grande expansão que sofreu a cidade de Salvador (BA) durante a década de 1960, quando foram implantados novos equipamentos urbanos, como hospitais, casas comerciais, avenidas de vale, escolas etc. a construção de tais equipamentos acabou eliminando os espaços vegetados de algumas áreas da cidade, fazendo com que as formas espaciais de alguns lugares se modificassem drasticamente. (BANDEIRA, 1995).

A partir daí, várias comunidades tiveram todo o seu sistema cultural abalado, com a perda de grande parte dos elementos sagrados. Tiveram assim que buscar em outras localidades tais elementos para a manutenção do culto e, também, para garantir a própria sobrevivência da comunidade.

A diminuição das áreas verdes existentes nesses locais não vai prejudicar não somente o candomblé, mas também a qualidade de vida de todos os moradores da cidade. Mudanças no microclima, no grau de erosão e na umidade relativa do ar, além

da própria impermeabilização do solo, provocada pelo asfalto e instalação de equipamentos urbanos em alguns bairros da cidade, vão alterar profundamente o padrão da qualidade de vida do cidadão.

As folhas são utilizadas para curar enfermidades e outras doenças como dores de cabeça e de coluna, cólicas, diarreias, sendo muito usadas também como calmante. A utilização desses vegetais é feita através da preparação de infusos, chás, “garrafadas” e através da aplicação direta da folha no ferimento. Os templos que ainda cultivam plantas enfrentam muitas dificuldades para manter essas áreas em razão de vários fatores. Um primeiro seria o crescimento das famílias dos (as) zeladores (as); filhos dos (as) sacerdotes (isas), que ao se casarem e constituírem família, ocupam uma extensão da casa do candomblé, tomando parte do terreno pertencente ao templo e destruindo a área de plantio. Um outro motivo é a expansão da cidade, que cresce em direção à periferia, e termina por urbanizá-la, fazendo com que a população residente reivindique a colocação de asfalto e outros equipamentos urbanos que vão substituir as áreas de cultivo. A questão da concentração de renda também vai implicar em um intenso processo de exclusão social.

Para a comunidade do terreiro, essas folhas, que continuam sendo utilizadas para curar doenças, muitas vezes já perderam sua função religiosa, já que foram plantadas e o orixá que as protege não permite o seu plantio, fazendo com que seu uso para fins ritualísticos seja questionado. Essa é uma consequência direta do intenso desmatamento e do crescimento urbano sem planejamento estratégico. Por estar incluído num modelo diferente de sociedade, o candomblé se norteia por outros parâmetros de progressos que vão acabar se mostrando na relação dos adeptos com os vegetais. Essa ligação estreita com a natureza vai exigir mais áreas para o plantio, fazendo com que se intensifique ainda mais essa relação com os elementos naturais (SODRÉ, 1998).

E neste sentido que a diminuição das áreas verdes vai reduzir substancialmente a quantidade de plantas existentes e também distanciar ainda mais o homem da natureza, comprometendo a cosmovisão do “povo de santo”. Esse gradual desaparecimento dos elementos sagrados da religião provoca uma fragilização da cosmovisão dos afro-brasileiros, provocando um distanciamento maior das raízes africanas, corroborando para o enfraquecimento político e social.

As práticas culturais desenvolvidas dos templos podem ser úteis para um avanço nas políticas ambientais municipais, estaduais e nacional. Apesar do preconceito e da discriminação a este segmento religioso, as práticas ambientais desenvolvidas nos

espaços destes terreiros podem ser fundamentais para um equilíbrio das relações no meio urbano podendo atuar como uma espécie de medida mitigadora nas cidades.

### **Na tentativa de conclusão**

A expansão urbana em Salvador está inserida em um processo maior, envolvendo outras cidades brasileiras. Trata – se do novo modelo econômico, determinante da ordem mundial atual, e que vai abalar todas as estruturas que determinam a vida urbana, a vida rural e o cotidiano das pessoas. Com isso, podemos afirmar, através desta análise, que a diminuição das áreas verdes prejudica toda a cidade e a sua cultura, ao desestruturar os templos da religiosidade afro – brasileira e fortalecer a cultura da depredação. Neste sentido, podemos até dizer que a cultura desenvolvida no território dos templos da religiosidade afro-brasileira é grande defensora da manutenção do equilíbrio dinâmico, atuando como um centro vivo, uma Universidade Popular, uma Academia atendida para os reais movimentos e mudanças do território, realizando um exercício metodológico de educação ambiental calcada na prática quotidiana. Faz-se necessária a mudança de posturas anti-democráticas, que cerceiam a liberdade da expressão dos comportamentos positivos dos terreiros, porque essas representações são tão brasileiras quanto as demais e são construções constantes e reais das cidades brasileiras se fazendo cada vez mais presentes no espaço do cidadão.

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais e ritualísticas**. Salvador, EDUFBA, 2000.

BACELAR, Jeferson. **Etnicidade (Ser negro em Salvador)**. Editora Penba Ianamá, 1989.

BANDEIRA, Fábio Pedro. **Ordenamento e gestão das áreas verdes e espaços públicos de Salvador**. Coletânea, Planejamento ambiental para Salvador. Secretaria Municipal do Meio Ambiente –PMS, 1995.



BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudanças da agenda 21**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CORREIA, S.S; SERPA A. Influência do processo de expansão urbana na perda de áreas verdes e no uso das plantas medicinais nos terreiros do Curuzu, Salvador. In: **Fala Periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador, UFBA, 2001.

HERNANDEZ, Leila Leite. O Olhar Imperial e a invenção da África. In: **A África na sala de aula: visita à história Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica, 2006.

POCHMANN, Marcio et al. **Atlas da exclusão Social**. volume 5: agenda não liberal da inclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2005.

SALVADOR, **Anais do 3º Congresso Nacional de Meio Ambiente**. Bahia Othon Hotel e Escola Politécnica da UFBA, Salvador, 11 a 17 de Outubro de 2004.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1984.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SATO, M. **Educação Ambiental**. Editor: Santos, J.E. São Carlos, RIMa, 2004.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. A forma social negro brasileira. Editora Vozes, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, Deuses iorubás na África e no novo mundo**. Editora Corrupio, 1992.